



Seção

“Aprender a Fazer”



Nejariar: Pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar

*Nejariar:
Small glossary of the words and ideas of Carlos Nejar*

Alan Brizotti
Doutorando no PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: Neste artigo, apresentamos um instrumento profissional exigido em nossa dissertação de mestrado pela Faculdade Unida de Vitória: um Pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar, cujo objetivo central é servir como aporte ou chave hermenêutica aos professores/as de ensino religioso, literatura e filosofia que queiram apresentar a obra de Carlos Nejar aos seus alunos, ou somente, pesquisar e aprofundar seu conhecimento sobre essa figura importante no cenário cultural brasileiro. O pequeno glossário é composto por 40 palavras/ideias que servem como guia de leitura da linguagem nejariana. Não temos a pretensão de esgotar o universo nejariano das ideias, mas apontar para palavras e expressões que dialogam com seus símbolos e imaginário. As palavras, em Nejar, são sempre múltiplas, plurissignificativas, com possibilidades hermenêuticas variadas. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em Nejar, dentro e fora do corpus da pesquisa, além das contribuições técnicas de Faulstich e Aguiar, que apontam caminhos e conceitos terminológicos importantes.

Palavras-chave: Glossário. Carlos Nejar. Literatura.

Abstract: In this article, we present a professional instrument required in our master's thesis by Faculdade Unida de Vitória: a Small Glossary of words and ideas of Carlos Nejar, aimed primarily at serving as a support or hermeneutic key for teachers of religious education, literature, and philosophy who wish to introduce Carlos Nejar's work to their students, or simply to research and deepen their knowledge about this important figure in the Brazilian cultural scene. The small glossary consists of 40 words/ideas that serve as a reading guide to Nejar's language. We do not intend to exhaust the Nejarian universe of ideas, but rather to highlight words and expressions that interact with his symbols and imagery. In Nejar's work, words are always manifold, polysemous, with varied hermeneutic possibilities. The methodology employed involved bibliographical research on Nejar, both within and outside the scope of this study, as well as technical contributions from

Recebido em: 03 mai. 2024 - Aprovado em: 09 jul. 2024.

Faulstich and Aguiar, which point out important terminological concepts and pathways.

Keywords: Glossary. Carlos Nejar. Literature.

Introdução

O universo semântico nejariano é profundo e múltiplo, dialógico, polissêmico e polifônico. Suas palavras e ideias são carregadas de forte densidade simbólica através de uma intrincada teia de correlações e intertextualidades. Como destacou já no início da vida literária de Nejar, em um estudo de 1981, sobre o livro *Sélesis*, o poeta e crítico literário Guillermo de la Cruz Coronado, há um espessamento poemático, uma complexidade na obra nejariana.² Essa complexidade, espessamento, precisa ser levada em consideração ao refletirmos sobre a obra nejariana, a fim de que possamos usufruir melhor de sua inventividade.

Carlos Nejar, embora tenha sido classificado entre os poetas da Geração de 60³, extrapola os limites dessa classificação e consegue assumir um lugar como um dos trinta e sete escritores-chave do século, entre trezentos autores memoráveis, no período entre 1890-1990, segundo o aclamado ensaio, publicado em livro, do crítico suíço Gustav Siebenmann⁴. Sua habilidade se revela especialmente na linguagem, na intrincada construção de simbolismos e na intensidade com que usa da intertextualidade, interdiscursividade e dialogicidade com o universo da Bíblia e da cultura. Nejar é vasto, profundo e altamente produtivo, o que é claramente atestado pelos seus mais de 60 anos de poesia.⁵

A densidade nejariana tem sido muitas vezes encarada como dificuldade ou hermetismo, contudo, também pode ser apreendida pelo olhar poemático da beleza, como quem adentra uma floresta, munido pelo prazer de pesquisar, de observar novas percepções e ângulos do dizer. O espessamento nejariano pode ser percebido para além dos poemas, também em seus romances. Coronado identificou no poema nejariano a inventividade que cria palavras, como o próprio vocábulo *Sélesis*⁶, palavra simbólica criada por Nejar, a que acrescentaríamos *Riopampa* no ambiente do romance e das geografias simbólicas do cronotopo nejariano: *Pontal do Orvalho*, *Casa do Vento*, *Solturvo*, dentre outras.

Algumas expressões nejarianas são constantes em seu universo literário: infância, alma, Deus, noite, condição humana, dentre outras, sempre aparecem e

² CORONADO, Guillermo de la Cruz. *O espessamento poemático em Carlos Nejar*. Porto Alegre: EDURGS, 1981.

³ COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a “geração de 60”*. São Paulo: Edição Saraiva, 1971, [n.p.].

⁴ MODERNO, João Ricardo (Org.). *Dados bibliográficos do homenageado – Carlos Nejar*. In: *Carlos Nejar: poeta da condição humana*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, p. 203.

⁵ BRIZOTTI, Alan. *“É tudo pela Palavra”: o imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar no estado do Espírito Santo*. (Dissertação de mestrado em Ciências das Religiões), Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências das Religiões, Religião e Espaço Público, Faculdade Unida, Vitória-ES, 2024, p. 15.

⁶ CORONADO, 1981, p. 105.

convidam-nos a ampliarmos o olhar. Desprezá-las é perder encanto e empobrecer a atmosfera inventiva. Os conceitos de Nejar são conceitos migrantes: há um trânsito entre os enunciados e seus correlatos, uma espécie de exercício lexical, dança semântica, que se desdobra em neologismos e/ou expressões que abrem novos horizontes para velhos sentidos. Como instrumento profissional exigido no mestrado na Faculdade Unida de Vitória (PPGPCR-FUV), apresentamos um pequeno glossário⁷ nejariano das palavras e das ideias de Carlos Nejar, buscando alguns dos termos e expressões com registro privilegiado na obra nejariana do nosso *corpus* pesquisado, além de pontuarmos algumas inserções desses termos em outras obras⁸ fora do *corpus*, a título de exemplo. A predileção pelos termos dentro do nosso *corpus* se dá também porque essas obras ajudam-nos a olharmos diretamente para o Nejar do período pesquisado, com suas percepções e atravessamentos do *locus* temporal, social, religioso e geográfico.

A metodologia utilizada para a confecção do pequeno glossário foi a pesquisa bibliográfica em Nejar, dentro e fora do *corpus*, além das contribuições técnicas de Faulstich⁹ e Aguiar¹⁰, que apontam caminhos e conceitos terminológicos importantes, como no caso da expressão “condição humana”, a guisa de exemplo, que, em Nejar, aparece como sintagma terminológico: “mesmo que haja duas palavras na estrutura dos termos, há uma fusão semântica, e, assim, a estrutura passa a denotar um único significado”¹¹. Citando Faulstich, Aguiar diz: “O glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas, com vistas a melhorar o desempenho linguístico e a aperfeiçoar o conhecimento profissional”¹². Nosso pequeno glossário focará mais no trato terminológico do que lexicográfico.

Aguiar segue afirmando que “o glossário é uma obra com propósito delimitado, pois tem o intuito de atender às expectativas de determinado grupo linguístico”¹³. Nosso pequeno glossário é destinado aos professores(as) de literatura, filosofia e ensino religioso que queiram aprofundar sua leitura de Nejar a partir das novas percepções possibilitadas por novos olhares para os conceitos e terminologia nejariana, sobretudo a partir de seu discurso religioso. O pequeno glossário pretende servir como subsídio para despertar o interesse em navegar pelas *águas* nejarianas e

⁷ O glossário é pequeno por uma questão de espaço e de objetivo da pesquisa por hora. Nada há que impeça de seguirmos pesquisando e aumentando o tamanho e o número de palavras e expressões do múltiplo universo nejariano.

⁸ NEJAR, 1999a; NEJAR, 1999b; NEJAR, 2000; NEJAR, 2002; NEJAR, 2010; NEJAR, 2020; NEJAR, Carlos. *O idioma da alma*. São Paulo: Minotauro, 2023.

⁹ FAULSTICH, Enilde. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Universidade de Brasília: Brasília, 1995.

¹⁰ AGUIAR, Rebeka da Silva. *Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos*. Tese Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília, 2018.

¹¹ AGUIAR, 2018, p. 36.

¹² FAULSTICH, E. In: AGUIAR, 2018, p. 40.

¹³ AGUIAR, 2018, p. 40.

suas *vivências*¹⁴. Nosso desejo é que o pequeno glossário represente um instrumental prático e útil aos professores, teóricos da linguagem e leitores que gostariam de praticar exercícios interpretativos mais amplos a partir da leitura atenta dos verbetes e das ideias aqui expostas, além de percebê-las dentro do espectro do discurso religioso. Esse glossário poderá ser um importante instrumento didático-pedagógico na Educação Básica, pois conhecer a gramática religiosa de um literato da envergadura de Carlos Nejar, membro da Academia Brasileira de Letras, pode ajudar o/a docente do Ensino Religioso na exploração de novos horizontes de leitura em diálogo com a religião como texto da cultura.

Gabriel Perissé, tratando sobre a importância de pesquisarmos as palavras e suas derivações, aponta para o desejo dos leitores em buscar os sentidos sempre novos das palavras através dos exercícios etimológicos que vão além das "definições convencionais"¹⁵. Perissé afirma ainda que "a linguagem, mais do que veículo de informações, é 'lugar' (intangível, inabarcável) no qual as relações e os nexos se realizam. [...] A mais imediata constatação é que a linguagem está encharcada de realidade... e de nossa subjetividade!"¹⁶. As palavras e ideias de Nejar coletadas para o nosso pequeno glossário foram pesquisadas e percebidas em sua tripla acepção: palavra, símbolo e texto da fé ou discurso religioso, sobretudo na experiência pentecostal¹⁷. Alguns termos são bem conhecidos, contudo, no universo semântico nejariano, ganham outras possibilidades exegéticas.

O pequeno glossário é feito de um conjunto de quarenta verbetes, divididos entre palavras e expressões, em ordem alfabética, dentro das ciências da linguagem, no aporte do discurso religioso, com o intuito de lançar luzes às outras teias discursivas nejarianas e seus conteúdos. O pequeno glossário pretende ser uma fonte de sugestões de leituras e exercícios hermenêuticos aos que gostariam de dialogar com a obra nejariana, sobretudo os professores/as de literatura, filosofia e ensino religioso. Longe da pretensão de esgotar os sentidos, temos o objetivo de auxiliar os leitores, à guisa de placas sinalizadoras de percurso, palavras e expressões que convidam ao envolvimento mais profundo na terminologia nejariana. Adentrar o universo gramatical nejariano é participar ativamente da ampliação dos conceitos e perceber as múltiplas possibilidades do dizer religioso como texto da cultura.

Nejarinar: pequeno glossário das palavras e das ideias de Carlos Nejar

1. Águas: Potência vital e imaginativa. "Águas vivas" (2002, p. 384); "gramatical lógica das águas" (2002, p. 449); "escola das águas" (2002, p. 470). Simbólica da vida

¹⁴ Os termos em itálico, *águas* e *vivências* aqui são uma amostra do espessamento lexical nejariano: são dois termos aparentemente comuns, mas que, no universo simbólico nejariano são vastos, carregando uma carga simbólica profunda que pode torná-los significantes nejarianos essenciais.

¹⁵ PERISSÉ, Gabriel. *Palavras e origens: considerações etimológicas*. São Paulo: Saraiva, 2010, [n.p.].

¹⁶ PERISSÉ, 2010, p. xv.

¹⁷ Carlos Nejar é evangélico, pastor pentecostal, ligado à Igreja Cristã Maranata, uma importante denominação pentecostal.

como condição passageira e como experiência pedagógica da linguagem (2023, p. 20). Discurso religioso de Cristo e do Evangelho (2003, p. 165).

2. Alma: Identidade espiritual do mistério humano. Vida que se experimenta na íntima criatividade, nos sonhos e nas emoções com suas simbólicas, como a metáfora do manancial (2003, p. 181). “A redundância de estarmos vivos” (1999a, p. 35). Raiz dos neologismos a(l)mar, (des)almava (2002, p. 457) e dos personagens Almado (1998, p. 151) e Almeiro Ninguém (2023, p. 89).

3. Amor: A essência, fundamento maior, pois comunga Deus e o homem. É a raiz da dinâmica das relações: “O que ama percebe”. (2003, p. 45); “Amor é onde nasço” (2002, p. 359); “Amar é uma árvore dentro de outra” (2002, p. 432); “Amor precisa de voz” (2003, p. 78). A simbólica da vida enraizada no discurso religioso intertextual com I Co 13.8: “O amor não termina” (2002, p. 441). Uma dimensão de experiência do mistério: “Amor é um pôr-do-sol que arrasta” (2002, p. 455).

4. Assombro: Cidade, mulher e estado de espírito. Aparece em *Letícia, Riopampa, Carta aos Loucos e O idioma da alma*. Dimensão simbólica do Espírito Santo: “E outro nome terá Assombro: Espírito” (1998, p. 212). Experiência do espanto, do encanto diante da maravilha: “Desnudar-se no assombro que se acende” (1999a, p. 236); “O espanto de viver é ir vivendo” (1999a, p. 237).

5. Chama: Imaginários do fogo em sua simbólica dupla de voracidade e purificação. Exercício múltiplo de terminologias: fagulha, centelha, sarça, ardência (2003, p. 184; 299). “Os poetas são chamas: queimam as noites” (2000, p. 118; 1999b, p. 45). O discurso religioso da sarça faz eco intertextual de Êxodo 3.

6. Condição humana: Sintagma terminológico feito da junção de várias acepções: linguagem: “Somos feitos de palavras” (2006, p. 88); “O gênero humano é palavra” (2003, p. 58). Como crise: “Ser humano, às vezes, é doença” (2003, p. 200). Como discurso religioso: “O gênero humano não rasteja. Descansa na Rocha” (2003, p. 223), numa intertextualidade com I Co 10.3-4.

7. Delírio: Capacidade misteriosa de visão, numa espécie de amplificação do olhar. Simbólica da linguagem e do envolvimento com Deus para além das lógicas da razão. “As letras são o delírio da palavra”. (2006, p. 21). “O delírio é a loucura que vê” (2003, p. 49; 144); “Porque o delírio é como Deus escreve” (2006, p. 109).

8. Deus: O Absoluto, Supremo que se exprime por meio da Palavra. “Estar em Deus é intimidade da palavra”. (1998, p. 137). “É Deus acontece. Deus acontece no devagar. Sim, quando vem, recupera”. (2006, p. 33). Deus é, em Nejar, absoluto sobre tudo e todos, incluindo a dimensão temporal: “E Deus tem os futuros”. (2006, p. 101). O imaginário de toda a capacidade criativa: “Deus é diferença”. (2006, p. 199).

9. Dor: Experiência distintiva da condição humana. Marca do limite e da inigualável capacidade de ferir: “A dor não sabe sequer seu nome”. (2003, p. 25). Simbólica da finitude, da passagem implacável do tempo: “A dor de coisas velhas faz os homens

velhos”. (1998, p. 27). “A dor quando nos carrega não tem noção de tempo”. (2003, p. 290).

10. Escuridão: A dinâmica natural da vida. Simbólica da morte, da noite e do silêncio. “A vida é do tamanho da escuridão” (1998, p. 189). Quem ama a claridade não teme a escuridão (2002, p. 412): “A partir da escuridão é que se inventa a claridade” (2000, p. 105). Uma simbólica do caos: “existirá algo imóvel maior que a escuridão?” (2002, p. 451). “Por que as estrelas têm nome e a escuridão não?” (2020, p. 73).

11. Esquecimento: Uma das marcas da condição humana, sinal de sua escassez e de sua batalha contra o que morre na linguagem. “A memória precisa esquecer, para perdoar-se!” (2003, p. 20). Simbólica das nossas elaborações frente às páginas da história: “E é o esquecimento o quintal de nossas mais ardentes imaginações”. (2003, p. 71). Imagética da fluidez, do deixar ir: “E esquecer se tornava a cidadania do vento”. (1998, p. 16).

12. Esperança: A simbólica lúdica da teimosia humana: “A esperança é o que temos – falou a Nuvem. – E é uma casa que, às vezes, precisa de reforma”. (2003, p. 22). No discurso religioso, é um reconhecimento da potencialidade criativa de novas possibilidades: “A esperança tira as sandálias dos pés, porque a terra em que pisa é o coração do homem”. (2003, p. 295). Interdiscursividade com Êx 3.5; Ez 11.19; 36.26.

13. Fogo: A dupla simbólica da voracidade destrutiva e da purificação, além do desejo, da atração e do instinto (2002, p. 434). “O fogo é alma que não termina”. (2003, p. 18). Uma simbólica da ânsia de viver: “E se havia um fogo que não podia consumir-se, era o das almas. E se mostrava o único a revelar que ainda estávamos vivos”. (2003, p. 68). Discurso religioso da experiência extática pentecostal que dialoga com seus símbolos e imaginários: “Escrevo o fogo em mim”. (2006, p. 124; 2000, p. 116).

14. Fome: Imagética do instinto predatório como simbólica da animalidade devoradora. “As teorias são protuberantes, excelsas, mas só a fome se democratiza”. (2003, p. 152). Marca distintiva da condição humana: “A fome é como a noite. Caminha para dentro”. (2006, p. 65). Sua dinâmica é a voracidade: “A fome só tem boca” (2006, p. 78). A humanidade torna-se presa eterna da fome e sede (1999b, p. 56; 2023, p. 17). Imagética da unidade: “A fome reúne” (2020, p. 75).

15. Glória: Marca da transitoriedade. Simbólica do que é passageiro, vaidade: “A glória é um ruído de vento”. (2003, p. 141; 1999a, p. 268). A simbólica da busca do que não sacia: “A glória é sozinha, como a dor”. (2003, p. 294). Há, na glória, um componente de perigo: “O que nos glorifica é o que nos mata!” (2003, p. 214). “A glória não tem piedade” (2010, p. 78).

16. Imaginação: Discernimento do invisível (2006, p. 35); “Excesso de infância”. (2003, p. 44). Uma dádiva das almas que ainda sonham: “A imaginação é uma virtude, jamais doença”. (2003, p. 118). Simbólica da inventividade, do gênio criador: “A imaginação não dorme”. (2006, p. 18). Capacidade de permanecer aberto às possibilidades: “Excesso de infância” (2003, p. 44). Uma dinâmica de retroalimentação do espírito criativo: “A imaginação é inventável” (2006, p. 30). Simbólica da visão mais

ampla, curada dos automatismos: “Quem não sabe imaginar, não sabe ver” (2003, p. 62). Imaginação também é exercício de liberdade (1998, p. 38).

17. Infância: Experiência humana por excelência, o lugar humano da inocência, da serenidade e da alegria (2006, p. 20-23), ambiente das melhores memórias: “Sótão cheio de jarros e passarinhos” (2002, p. 406). Discurso religioso da alegria e da amplitude da linguagem: “A infância tem o dom das línguas” (2002, p. 410). Lugar da intimidade com o sagrado: “Ao buscar a infância é que encontramos Deus” (2006, p. 120). Um dos termos-chave do discurso nejariano, sempre com múltiplas acepções, sobretudo na linguagem: “a infância dos vocábulos, a sintaxe dos vivos e dos mortos” (2023, p. 24). Simbólica da verdadeira inteligência: “A infância é estado de extrema inteligência nesta ciência de existir” (2003, p. 89).

18. Invenções: Experiência da criatividade sem limites: “Inventar é ir vendo” (2002, p. 446). Simbólica da ação lúdica de criar, infância inventiva: “A graça do mundo é o inventável” (2006, p. 93). Dinâmica incansável, capaz de novidades: “Prefiro inventar novas coisas com velhas palavras” (2003, p. 304). A linguagem só é possível nas invenções que descobrimos nela e a partir dela (2000, p. 58).

19. Justiça: A simbólica dos limites, do lugar de contenção do espírito humano, tão carente de loucuras: “O excesso de leis resulta no excesso de fendas, por onde transgressores escapam”. (1998, p. 116). Como simbólica também das relações de amor (1999b, p. 115: “o justo amor”). Dimensão profética do discurso religioso na interdiscursividade com Amós 5.24.

20. Linguagem: Mais uma das características distintivas da condição humana. Na simbólica da própria constituição humana: “Não se pode perder a pura alegria, senão perdemos linguagem. E é como perder sangue”. (2006, p. 175). Na simbólica da própria linguagem: “Porque tudo é símbolo, mesmo o que se ignora”. (2006, p. 201). A linguagem também como ato político de resistência: “A linguagem ajudava a resistir” (1998, p. 54); e como força espiritual: “o último baluarte da espécie” (1998, p. 54-55). “A linguagem é maior do que os sistemas” (2000, p. 47).

21. Livro do Caminho: Terminologia nejariana para designar a Bíblia: (1998, p. 131, 137, 196; 2003, p. 109; 2006, p. 17, 115, 119; 2023, p. 19, 21). Simbólica de dupla imagética: do Livro, como linguagem de excelência e do Caminho, como acepção de Cristo, em intertextualidade com Jo 14.6 e da própria Bíblia como luz ao caminhante Sl 119.105.

22. Loucos: Terminologia que se desdobra em vários significantes: loucura, insensatez, e, em outra acepção, delírio. “Há, em Letícia, como em todos, o maníaco escondido”. (2003, p. 92). Discurso religioso como profetismo que destoa do *status quo*: “E a loucura é o divino que não quer crescer”. (2003, p. 241). Simbólica dos contrários: “A loucura é a sensatez do tempo”. (1998, p. 89); “A loucura é a razão do impossível”. (2003, p. 279). Lugar da ambiguidade humana: “A nossa dependência com a vida é sermos lúcidos e loucos” (1999b, p. 88) e da falta de discernimento (1999b, p. 104).

23. Luz/lucidez: Simbólica da mente saudável e da criatividade livre: “Na luz, nada pesa”. (1998, p. 157). Discurso religioso da fé que enxerga a partir da mente ampliada (1999a, p. 130). Uma dimensão de entrega absoluta ao estado de espírito que provoca a inventividade. Claridade que permite distinguir e discernir: “Só se vê bem na luz” (2003, p. 241).

24. Mal: A simbólica da destruição, da ausência e da escuridão plena. O espírito da queda: “O mal se cava caindo”. (2003, p. 280). O mal é a violência ao original: “O mal usa máscaras” (2003, p. 33). É um lugar de portas fechadas: “Terrível é estar no mal e não poder sair” (2003, p. 247). Na simbólica do discurso religioso, o mal carrega seu medo estrutural: “O mal teme a palavra” (2006, p. 16). A simbólica do mal aponta para a não-inocência e para as trevas: “Nuvem escura; sem infância” (2006, p. 205).

25. Memória: A simbólica da teia imaginativa que une os tempos. Lugar ontológico da condição humana: “E sem memória, não, não vinga o gênero humano”. (2003, p. 292). Memória é “luz acordada” (2003, p. 189), numa imagética do despertar e vencer a noite, simbólica do mal. A memória também une a temporalidade: “A memória é o futuro” (2002, p. 356).

26. Morte: O espectro que persegue a condição humana e a afeta: “A morte não é expiação, é descoberta”. (2003, p. 122). É a pergunta que provoca constantes mergulhos no ser: “A morte não seria cair, cair sem fim?” (2003, p. 302). A simbólica de uma loucura sem bônus: “Uma loucura impenetrável” (1998, p. 121). Na dinâmica das relações, a morte é a grande exceção: “A morte não tem família” (2006, p. 48).

27. Noite: Dimensão tripla: como lugar do aprendizado: “Quem aprende na noite, com ela se preserva” (2002, p. 490); como lugar do ritmo temporal cadenciado: “A noite é quando o tempo deixou de estar correndo” (2002, p. 491) e como metáfora da humanidade: “Somos a noite do primeiro dia” (1999b, p. 57). A noite é desafio: “Quem poderá recuar os limites da noite?” (1999b, p. 91).

28. Nuvem: Simbólica da condição humana (2003, p. 156), a Nuvem é a encarnação da palavra. “Eterno é o céu – ela disse. – Sou apenas a sua parte mudável”. (2003, p. 295). Carregam a simbólica das emoções que deságuam na experiência da dor: “Todas as Nuvens são dramaticamente tolerantes. Até choverem” (2003, p. 152). Sua simbólica aponta para “o durável em nós, o que não enferruja, nem apodrece” (2010, p. 28).

29. Palavra/palavras: O universo simbólico nejariano por excelência. Raiz do neologismo (pa)lavra (2002, p. 453), o labor que se dá ao envolver-se com o verbo. A palavra tem uma dimensão pedagógica: “pode educar homens e símbolos” (1998, p. 68). Somos feitos de palavras: (2006, p. 24). “As coisas e os seres são palavras”. (2006, p. 144). Sua característica singular é a eternidade: “E é eterna a palavra”. (1998, p. 80). No discurso religioso nejariano, palavra pode ser o vocábulo e/ou a acepção teológica da Bíblia.

30. Pássaros: Simbólica da liberdade, da amplitude do voo e, sobretudo, da dimensão espiritual do encanto: “Mais vale pássaro nos olhos que abutre voando”.

(2003, p. 300). Também há a simbólica da imaginação como o passaredo interior da inventividade: “Quando a imaginação nos visita, ficamos cheios de pássaros por dentro” (2000, p. 69). A condição humana carrega uma dimensão de pássaro (1999b, p. 43). Dimensão da linguagem: “dialetos pássaros” (2002, p. 472), como palavras que voam e constroem suas casas nas árvores verbais (1998, p. 36).

31. Poesia: A arte da mudança, sem cadeias ou limites. A simbólica de todas as vozes e todos os significantes: “Porque a poesia sabe todas as línguas”. (2003, p. 44). Um discurso religioso salvífico, uma teologia da beleza: “A poesia tem o poder de reduzir a impiedade dos homens” (1998, p. 66). A poesia habita uma dimensão íntima das palavras: “a seiva das palavras” (2000, p. 23). A simbólica do delírio e do sonho são intrínsecas à poesia (2000, p. 79).

32. Riopampa: Cidade e dimensão da inventividade nejariana: (2003, p. 76). No discurso religioso, torna-se metáfora da interioridade humana: “Riopampa é o coração do homem, terra que ninguém pisa”. (2006, p. 167). Simbólica cíclica do tempo: “Tudo é palavra. Depois só alma. Riopampa: tempo”. (2006 p. 208). Na metáfora do tempo Riopampa é redemoinho, lugar das águas que passam e não voltam.

33. Redemoinho: Dimensão de tempo, de eternidade (2000, p. 29). No discurso religioso, aponta para a presença do Espírito de Deus caminhando entre os humanos: “o redemoinho andava pelo meio deles” (2006, p. 117). Pode sugerir também uma dimensão mística simbólica do Espírito de Deus numa intertextualidade com Ez 37, além de sugerir uma experiência imagética apocalíptica do Deus que revela sua presença no caos.

34. Semente: Potência criativa, nascente existencial de seres e coisas. Simbólica das linguagens e suas fontes: “Tudo é semente, o mar. Tudo é semente retirada do vento”. (2003, p. 87). A imagética da vida se dá na estrutura das sementes, num discurso profético: “O que as sementes falam, a terra cumpre. O florescimento nasce da fala das sementes. Até que a palavra solte a chuva em cima”. (2006, p. 171). A vitória da vida vem da percepção da dimensão profética: “Gentes e coisas precisam de terra em cima. Porque a vocação da semente é mais ampla que a vocação do fruto”. (2003, p. 266).

35. Silêncio: Linguagem da profundidade, um idioma do espírito: “Da abundância do coração fala o silêncio”. (2003, p. 137). “O silêncio é mais eloquente do que a dor” (1998, p. 42). Simbólica da amplitude, o silêncio não é a falta do dizer, mas o excesso: “E o silêncio foi engolido, a palavra não”. (1998, p. 138). Dimensão histórica de partilha da condição humana. Não há humanidade que não conheça o silêncio: “O silêncio conta a história do mundo”. (1998, p. 159).

36. Tempo: Dupla acepção: inimizada com a condição humana e, ao mesmo tempo, lugar de aprendizado e experiência: “E o tempo é a fábula de Deus”. (2003, p. 142). Lembrete da vulnerabilidade e do limite: “Admiti que nem aos que o servem o tempo poupa”. (1998, p. 26). Simbólica da vertigem humana de viver: “O tempo sofre de labirintite”. (2006, p. 164). Dimensão da imparcialidade implacável: “Não tem rosto o

tempo”. (1998, p. 57). Experiência de amadurecimento: “O tempo é uma forma de amor”. (1998, p. 179).

37. Texto: Tudo é texto, pois somos palavra. Simbólica da vivência substancial mais profunda da condição humana: “E o texto é viagem, leitores”. (2003, p. 303). Dimensão ontológica que mistura letras, palavras, escrita e discurso (2002, p. 433). Metáfora das essências: “Um poço que necessita de balde. Fala pela boca da página” (2003, p. 65). Lugar de esconder e revelar (2023, p. 21).

38. Velhice: Condição existencial entre a beleza e a crise: “A velhice sofre da vertigem da altura. E eu penso que sofre apenas de artrite na alma”. (2006, p. 173). Simbólica da maturidade que, à revelia da temporalidade, renova-se: “Quando os velhos descobrem as palavras com sua longa fonte, a juventude, recomeçam a reverdecer a imaginação”. (1998, p. 86). Dimensão de sabedoria muito além do conhecimento: “Poucos sabem ser velhos”. (1998, p. 91). Lugar que favorece o equilíbrio: “A velhice que encosta muito no sol, tonteia” (2006, p. 25). Experiência de cultivo das melhores memórias: “Envelheço, economizando infância” (2003, p. 19). Discurso religioso da renovação: “Não envelheci, porque Deus em mim não envelhece” (2020, p. 104).

39. Vento: Dimensão mística por excelência, pois abarca as potencialidades múltiplas do Espírito de Deus, do sopro criativo e da fugacidade humana (2023, p. 25). Simbólica da linguagem: “O vento sempre conversa com quem o sabe escutar”. (2006, p. 9). “O acontecimento é vento. Algo está sucedendo e o vento quer contar. O vento sabe. Corre com o tempo atrás”. (2003, p. 25). Discurso religioso sob a interdiscursividade da Criação, em Gn 1 e da transitoriedade em Ec 2.11: “Até cairmos todos, todos. Todos em Deus. E dentro do vento”. (2006, p. 209). Experiência pentecostal de linguagem: “O verdadeiro escriba, contador da história da Nuvem, é o Vento” (2003, p. 304).

40. Viventes: Terminologia característica nejariana, indica o gerúndio do viver: “E viver não se repete. O virar do monjolo parece igual, mas não se repete” (2006, p. 95). Dimensão da história, os viventes falam uns dos outros (1999a, p. 376). Discurso religioso em interdiscursividade com o imaginário bíblico, sobretudo das visões do profeta Ezequiel, capítulo 1 (2006, p. 100). Simbólica da teimosia humana da persistência em sua épica do tempo (2023, p. 25).

Conclusão

Apresentar um glossário das expressões nejarianas é, ao mesmo tempo, um deleite e um desafio. Nosso objetivo agiganta-se ao percebermos que as obras que tratam da aproximação entre Bíblia e Literatura ainda são uma lacuna a ser preenchida no Brasil. Carecemos de textos e estudos que se aprofundem na intersecção entre Bíblia e Literatura, não apenas como instrumento dogmático-teológico, mas sim, como Ciência da Religião, texto da cultura, contribuição intelectual e dialógica cujo alcance seja mais amplo do que as esferas templocentristas. Nejar é assim: pode ser lido no templo, na Escola Dominical, no seminário teológico, mas também na faculdade, na Academia Brasileira de Letras.

O Pequeno glossário aqui apresentado pode auxiliar nas duas pontas: no deleite em conhecer a obra de um literato desse quilate, indicado várias vezes ao Nobel de Literatura, e no desafio de conhecer e se aprofundar nas dimensões linguísticas e poéticas de um escritor vasto e difícil. Carlos Nejar tem uma profundidade convidativa, uma linguagem peculiar e um universo literário a ser desbravado.

Referências

- AGUIAR, Rebeqa da Silva. *Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos*. Tese Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília, 2018.
- BRIZOTTI, Alan. “*É tudo pela Palavra*”: o imaginário religioso-pentecostal de Carlos Nejar no estado do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Faculdade Unida de Vitória, 2024.
- COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a “geração de 60”*. São Paulo: Saraiva, 1971.
- CORONADO, Guillermo de la Cruz. *O espessamento poemático em Carlos Nejar*. Porto Alegre: EDURGS, 1981.
- FAULSTICH, Enilde. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Universidade de Brasília: Brasília, 1995.
- MODERNO, João Ricardo (Org.). *Dados bibliográficos do homenageado – Carlos Nejar*. In: *Carlos Nejar: poeta da condição humana*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.
- NEJAR, Carlos. *Carta aos loucos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- NEJAR, Carlos. *Os viventes*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- NEJAR, Carlos. *Livro de Silbion*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- NEJAR, Carlos. *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- NEJAR, Carlos. *A Idade da Aurora: poesia II*. São Paulo: Ateliê Editorial; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.
- NEJAR, Carlos. *A engenhosa Letícia do Pontal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- NEJAR, Carlos. *Riopampa: o moinho das tribulações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- NEJAR, Carlos. *A Nuvem candidata à Presidência*. Goiânia: R&F, 2010.
- NEJAR, Carlos. *Contos inefáveis*. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.
- NEJAR, Carlos. *O Evangelho segundo o vento*. Campo Grande: Life Editora, 2020.
- NEJAR, Carlos. *O idioma da alma*. São Paulo: Minotauro, 2023.
- PERISSÉ, Gabriel. *Palavras e origens: considerações etimológicas*. São Paulo: Saraiva, 2010.